



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DISTÚRBIOS EMOCIONAIS, COGNITIVOS E COMPORTAMENTAIS
NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Docente: Profa. Dra. Carmem Beatriz Neufeld

Docente colaboradora: Dra. Fabiana Maris Versutti

Monitoras: Dnda. Myrian Silveira, Me. Isabela Rebessi, Me. Beatriz Lobo, Me. Fernanda Esteves, Me. Isabella Wada, Mnda. Camila Amorim, Psic. Alessandra Rezende, Psic. Eloha e Psic. Mariana Risso.

CASO PEDRO – PARTE II

Pedro chegou para a consulta do psicólogo acompanhado de sua mãe. O psicólogo foi até a sala de espera, cumprimentou Pedro e a mãe e convidou o garoto para acompanhá-lo para a sala ao lado. Pedro acenou sim com a cabeça, porém sem manter contato ocular com o psicólogo. Pedro estava vestido de uma camiseta preta larga e uma bermuda marrom e tênis. Já na sala de atendimento, Pedro se sentou com a cabeça baixa na poltrona em frente à onde o psicólogo estava sentado.

O psicólogo então iniciou a conversa: *"Pedro, que bom que você está aqui hoje, gostaria de saber se você sabe o porquê está aqui!"*. Pedro então respondeu com a voz baixa: *"Meus pais me falaram que é porque a escola falou que eu sou preguiçoso"*. Terapeuta: *"E você também acha isso?"*. Pedro: *"Ah sei lá, (balançando os ombros e olhando para baixo, mordendo um lado da boca, também balançava um pouco as pernas), eu não sou preguiçoso, eu só não quero fazer, ninguém entende o que eu sinto, meus pais só vivem para a religião, ele nem me perguntam minha opinião, só exigem coisas e mais coisas de mim"*. Terapeuta: *"E como você se sente em relação a esses comportamentos dos seus pais, imagino que não deve ser fácil..."* Pedro: *Sim, é muito difícil, eu acho que me sinto sufocado, eu só gostaria de ficar em paz sabe? Fazer as coisas que eu gosto sem eles ficarem me lembrando que eu preciso rezar ou fazer isso ou aquilo, mas eu nunca falei isso com ela. Capaz, se eu falar isso, sei lá o que acontece, acho que eles piram."*

Terapeuta: *"Eu entendo como se sente Pedro, eu sinto muito que esteja se sentindo assim. Você falou que gostaria de fazer as coisas que você gosta, quais coisas são essas?"*. Pedro: *"Ah eu já nem sei direito sabe, eu só lembro de uma versão minha mais antiga que gostava de brincar com meu irmão, que gostava de montar maquete de*

avião... agora estão todos lá jogados no meu quarto. Sei lá, quando eu penso em fazer alguma coisa bacana, eu já fico pensando na encheção de saco dos meus pais. Aí por isso que eu fico mais no meu quarto.” Terapeuta: *“Entendi Pedro, e o que você costuma fazer quando está no quarto? Pedro: “Ah, sei lá, eu gosto de ficar assistindo séries, animes na verdade, se meus pais verem o conteúdo do que eu assisto, nossa, eles vão falar muito na minha cabeça.”*

O terapeuta então perguntou para Pedro quando ele começou a ficar mais no quarto e parar de ter vontade de fazer as coisas que o “Pedro antigo” gostava. Pedro respondeu: *“Olha, eu não sei, acho que no ano passado, depois da viagem que a gente fez para a Índia, eu acho. Nós fazemos essa viagem todo ano, para o Diwali, que é um festival típico de lá, ano passado foi no começo de Novembro. Eu sempre fico animado, porque eu gosto muito dos meus avós. Ano passado foi meio trash, os adultos todos começaram a ficar falando de achar uma noiva pra mim... mano, eu tenho 15 anos, e eu não sou de lá, eu sou brasileiro... eu queria poder escolher as coisas sabe? Mas parece que todo mundo escolhe por mim... que vida é essa sabe? Sei lá, às vezes eu só queria parar de existir.”*

Após falar isso, Pedro começou a chorar e se encolheu na cadeira, ao fazer isso, o psicólogo percebeu que a sua perna estava arranhada e então resolveu perguntar a Pedro o que tinha acontecido. Após se acalmar um pouco do choro, Pedro tapou com as mãos os machucados e disse que havia se arranhado porque estava se sentindo muito sozinho. O terapeuta o acolheu e perguntou sobre como eram as amizades de Pedro e como estavam as coisas lá na escola. Pedro respondeu: *“Eu tenho uma amiga só, a Gaya, ela estuda comigo desde quando éramos pequenos sabe, somos muito próximos, eu conto tudo para ela e ela para mim, ela conhece meus pais e tudo mais, ela entende a religião e até já foi em algumas cerimônias da minha família. Os meninos da minha idade são muito bobões, eles só gritam e ficam mexendo com as meninas, eu não gosto disso. Não consegui me identificar com nenhum deles lá na sala. Esses dias eu até briguei lá com um menino idiota que mexeu com a Gaya, eu bati nele, não sei se meus pais falaram com você isso... Eu também troquei de turma, eu e a Gaya, no começo do ano, aí nossos colegas mais conhecidos, a gente não vê mais. Às vezes trocamos mensagens no WhatsApp, já que meus pais não me deixam ter nenhuma rede social.”*

O terapeuta falou para o Pedro que geralmente, com os pacientes que estão na escola, ele costuma fazer algumas visitas na escola para conversar com alguns professores, coordenadores e perguntou para o garoto se ficaria tudo bem para ele ir,



Pedro disse que tanto faz, para ele não teria problema, que ninguém naquela escola liga para ele.

Antes de encerrar, o terapeuta perguntou o que ele sabia sobre o que ele sabia sobre terapia e também para que ele pensasse em coisas que ele gostaria muito de ser ajudado. Pedro respondeu: *“Acho que terapia é onde eu posso falar minhas coisas sem precisar ficar preocupado em estar certo ou errado. Porque parece que eu sou a pessoa mais errada do mundo... acho que você poderia me ajudar a, sei lá, me tirar desse buraco que me enfiaram sabe? Eu tenho sentimentos muito ruins, às vezes eu não sei o que fazer. Eu nem sei também se algo pode ser feito”*. O terapeuta respondeu: *“A terapia pode te ajudar muito a enfrentar esses sentimentos Pedro, nos nossos próximos encontros vamos conversar melhor sobre como vamos fazer isso. Vamos fazer isso juntos”*.

Por fim, o terapeuta perguntou: *“Pedro, sei que hoje falamos muitas coisas que te incomodam, mas gostaria de saber algumas qualidades suas, características que você gosta em você mesmo. Pedro respondeu, “Essa é difícil, não sei se tenho qualidades sabe, parece que sou todo errado, mas acho que uma coisa que eu gosto em mim é que eu tenho fé sabe, por enquanto, eu não gosto de alguns costumes da cultura Indu, mas orar ainda me faz bem, tipo orar sozinho. E também acredito que sou inteligente...”*

Após a autorização dos pais, o psicólogo ligou para a escola e marcou uma visita para observação de Pedro na escola e para conversar com os professores e a diretora.

Questões norteadoras:

- 1– Após a conversa com Pedro, quais sintomas vocês identificam?
- 2– Das hipóteses diagnósticas levantadas na parte I alguma se confirma ou é refutada? Explique.
- 3– Alguma outra hipótese precisa ser considerada? Por quê?
- 4– Quais outras informações são necessárias para confirmar ou refutar as hipóteses levantadas acima?